

**PREMISSAS CONCEITUAIS SUBJACENTES À PRÁTICA PEDAGÓGICA
DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CONCEPTUAL ASSUMPTIONS RELATED TO PEDAGOGICAL PRACTICE
OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS

* CLAIRE MARIA MUNARO

RESUMO: O objetivo deste estudo foi diagnosticar os pressupostos conceituais subjacentes à prática pedagógica dos professores. Foi solicitada a participação dos alunos de 5º e 6º semestres do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria-RS. As questões foram colocadas em dois parâmetros: **(1)** a concepção tradicional e **(2)** a concepção transformadora e inovadora dos valores existentes. Com base nos resultados obtidos, concluiu-se que: **(a)** os professores não apresentam atitudes interdisciplinares, **(b)** não procuram ampliar suas discussões nos planos político-pedagógico, **(c)** privilegiam o homem que faz e executa (e não o homem que pensa) e **(d)** não discutem um projeto de Educação e de homem para uma nova sociedade.

ABSTRACT: The purpose of this study was to make a diagnosis of the conceptual assumptions related to pedagogical practice of the teachers. It was asked the participation of physical education majors from 5th and 6th semester at the Federal University of Santa Maria-RS. The questions were stated into two different parameters: **(1)** traditional concepts and **(2)** concepts regarding changes into new values. With basis on the results it was possible to make the following conclusions: **(a)** professors do not have interdiscipline attitude, **(b)** do not seem to encarge their discussions in the pedagogic-politic level, **(c)** give privileges to the ones that do (instead of the ones that think), and **(d)** do not discuss a project of education and the type of man and society.

* PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE DESPORTOS INDIVIDUAIS/CEFD-UFSM.

1. INTRODUÇÃO

A preocupação básica para o desenvolvimento deste trabalho foi a necessidade de refletir sobre a prática dos professores, tendo em vista a nova proposta de Currículo Mínimo para os cursos de Educação Física. Sabe-se que não basta mudar a forma do currículo, em primeiro plano é necessário redefinir os pressupostos conceituais que orientam as propostas curriculares.

Estes pressupostos conceituais tomam concreticidade no ato pedagógico dos professores, em suas atitudes frente aos alunos, frente a educação e a sociedade.

No conteúdo transmitido pelo professor, na sua forma de avaliar e proceder está presente sua visão de Educação Física, de homem e de mundo.

Segundo PINTO (1986), o conteúdo da educação não está constituído somente por aquilo que se ensina, mas incorpora a totalidade das condições que pertencem ao ato pedagógico; assim, são partes do conteúdo: o professor, o aluno, as instalações da escola, os livros e materiais didáticos, etc. O conteúdo tem um caráter eminentemente social e, portanto, histórico.

A crise que vivenciamos hoje na educação, é a crise da sociedade. Os conteúdos tornaram-se pouco importantes, salientando-se os controles burocráticos como as provas, os exames, os diários de classe, etc. Os professores são cobrados no cumprimento destas tarefas, não havendo nem um questionamento sobre o significado social daquilo que está sendo ensinado ao aluno.

Para ROSSI (1983), a educação é um processo dialético e dialógico de criação e recriação do conhecimento. Criação, não através da repetição do já conhecido, mas através de sua superação.

A superação do já conhecido é básico para que se evolua dentro de um processo crítico de incorporação e ultrapassagem dos conteúdos tradicionais.

A repetição de fatos e conhecimentos tem-se caracterizado como uma postura pedagógica aceita dentro de nossa sociedade. Aos professores não é exigida uma consciência crítica, só lhe cabendo um esforço contínuo de auto-afirmação para manter sua posição de "dono da verdade".

Para pensar-se um novo projeto para a educação, "um novo currículo", devem estar claros, inicialmente, os princípios gerais que vão orientá-lo. Estes princípios devem ser amplamente discutidos e internalizados para que sejam aceitos e para que venham a se refletir na prática docente.

Neste estudo nos propomos a investigar alguns elementos presentes no ato pedagógico sem, todavia, ter a pretensão de esgotar os inúmeros aspectos que podem ser abordados nesta área.

Nossa contribuição não é pretenciosa, mas reflete uma angústia e um desejo de promover mudanças visando ampliar os horizontes do pensar e do agir nos cursos de Educação Física.

2. METODOLOGIA

Fizeram parte deste estudo todos os alunos do 5º e 6º semestres do curso de graduação em Educação Física, da Universidade Federal de Santa Maria-RS, no ano letivo de 1986.

Um questionário foi elaborado com a contribuição de especialistas, tendo sido submetido à testagem visando verificar sua objetividade. As questões foram colocadas em dois níveis distintos: um primeiro parâmetro que representava uma concepção reprodutora e tradicional de ensino e um segundo que correspondia a uma concepção de transformação e inovação dos valores existentes.

Os alunos foram solicitados a opinar, optando por um grau da escala que mais se aproximasse da atitude dos professores em geral. Os questionários foram aplicados em sala de aula, onde foram fornecidas as informações necessárias para o preenchimento do mesmo.

Adotou-se a seguinte escala: 3 2 1 0 1 2 3 onde, ao assinalar o valor "3" da escala direita ou esquerda, os alunos estariam afirmando que no geral os professores manifestavam tais procedimentos. Ao assinalar o valor "2", estariam afirmando que nem todos manifestavam tais procedimentos e, ao indicar o valor "1", os procedimentos ainda se manifestavam, embora num grau bem inferior. O zero significava que não existia um posicionamento.

Para a análise dos dados atribuiu-se percentuais de frequência a todos os valores da escala numérica, de acordo com as respostas dos alunos. A partir dos resultados, efetuou-se uma análise qualitativa com o objetivo de levantar pressupostos que permitissem discutir e

aprofundar as questões relativas a ação pedagógica dos professores de Educação Física.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreensão deste estudo, serão apresentadas as tabelas com os resultados obtidos nos questionários e os respectivos percentuais de frequência discriminados por semestre (TABELAS 1 e 2).

TABELA 1 - Concepção dos alunos a respeito do Plano de Ensino, objetivos e conteúdos curriculares desenvolvidos pelos professores

Concepção reprodutora-tradicional	S.	frequência %							Concepção transformadora-inovadora
		3	2	1	0	1	2	3	
1. Não apresentam o plano de ensino	5ª	-	7	-	-	10	17	67	Apresentam o plano de ensino
	6ª	5	5	-	5	-	47	38	
2. Planejam isoladamente	5ª	55	21	3	7	3	7	3	Os alunos participam opinando e sugerindo modificações
	6ª	24	38	14	5	14	5	-	
3. Não discutem os objetivos das disciplinas	5ª	45	17	10	3	7	10	7	Os objetivos são discutidos e analisados
	6ª	28	5	28	-	19	19	-	
4. São diretivos ao colocar os conteúdos	5ª	79	17	3	-	-	-	-	Os alunos participam na seleção dos conteúdos
	6ª	38	24	9	5	9	9	5	
5. Os professores se atêm ao conteúdo específico	5ª	38	28	3	3	7	14	7	Discutem a Educação Física num contexto amplo e geral
	6ª	38	14	10	-	14	19	5	
6. Os professores preparam os alunos para a reprodução dos conteúdos	5ª	31	21	7	-	7	31	3	Os professores orientam os alunos para o progresso e desenvolvimento
	6ª	5	24	33	9	5	19	5	

TABELA 2 - Concepções dos alunos referentes ao processo de ensino-aprendizagem dos professores no curso de Educação Física

Concepção reprodutora-tradicional	S	frequência %							Concepção transformadora-inovadora
		3	2	1	0	1	2	3	
1. Limitam as discussões ao plano físico e prático	5ª	21	34	7	3	10	17	7	Ampliam as discussões analisando o homem como um todo
	6ª	10	24	14	14	24	14	-	
2. Conhecimentos desconcontextualizados	5ª	28	24	10	21	7	7	3	Conhecimentos relacionados ao contexto regional
	6ª	28	19	28	-	5	19	-	
3. Controlam as ações dos alunos	5ª	31	52	-	-	3	14	-	Dão liberdade para o aluno criar e tomar iniciativas
	6ª	9	71	14	-	5	-	-	
4. Determinam atividades, espaço e material	5ª	62	17	10	7	3	-	-	Aceitam sugestões de material, atividades e espaços
	6ª	33	43	9	-	5	9	-	
5. Os professores são fechados ao diálogo	5ª	3	21	21	-	17	34	3	Os professores permitem discussões e críticas
	6ª	5	24	10	-	14	33	14	
6. Não discutem a dimensão política do ato pedagógico	5ª	41	7	14	-	24	7	7	Permitem discussões sobre educação e política
	6ª	14	24	19	10	14	14	5	
7. Os professores demonstram atitudes de acomodação	5ª	24	17	3	-	10	35	10	Estão conscientes da necessidade de redimensionar a Educação Física
	6ª	14	38	10	-	19	14	5	
8. O ensino é feito sob um processo de repetição	5ª	31	34	17	-	7	10	-	É feito sob um processo de compreensão dos problemas
	6ª	33	19	19	10	10	9	-	
9. A avaliação exige apenas conhecimento	5ª	52	38	7	-	-	3	-	A avaliação é cooperativa, contínua e visa o desenvolvimento do aluno
	6ª	33	28	19	-	10	10	-	

.....

.....

10. Exigem desempenho nos esportes e demais atividades	5ª	28	34	7	-	17	3	10	Visam a aprendizagem para futuras aplicações
	6ª	33	38	14	-	-	14	-	
11. Passam uma visão do esporte-performance	5ª	24	24	14	-	10	14	14	Passam uma visão do esporte como meio de educar o homem
	6ª	19	24	9	-	19	24	5	

Os resultados constantes das Tabelas 1 e 2 serão discutidos em função de seus pontos comuns e divergentes, permitindo uma melhor compreensão dos fatores subjacentes às respostas dos alunos.

Na análise dos dados prevaleceu o maior percentual alcançado nas respostas. Contudo, fez-se necessário evidenciar que existiram, embora não representando a maioria, professores que tentaram implementar sua luta em função de uma transformação dos valores tradicionais predominantes no atual currículo. Acredita-se que a ordem vigente só poderá ser alterada se estes professores revolucionários prosseguirem tentando interessar um maior número de colegas num projeto de mudança.

A análise foi feita, em alguns casos, agrupando-se questões para facilitar a compreensão das mesmas.

Analisando as questões 1 e 2 (Tabela 1) constatou-se que, embora os professores tenham se proposto a apresentar o plano de ensino aos alunos, continuam planejando isoladamente. Na nossa sociedade é comum a existência de pessoas que se propõem a pensar e produzir o conhecimento enquanto outras, passivamente, o consomem. É característico da sociedade capitalista onde a escola serve como simples divulgadora das idéias dominantes. Isto vem caracterizar, da mesma forma, o individualismo. Nossos currículos não são orientados interdisciplinarmente, resultando na fragmentação do conhecimento. Todas as decisões pedagógicas são tomadas pelo professor "dono da disciplina", independentemente das decisões e anseios dos demais professores e alunos.

Em relação à 3ª questão, referente aos objetivos, verificou-se que estes não estão sendo discutidos. Cabe aqui levantar algumas questões básicas: Quais são os nossos objetivos? Estão eles orienta-

dos para qual concepção de sociedade e de homem? Segundo SAVIANI (1985), se olharmos a educação sob um ponto de vista histórico, ele nos mostra que esta sempre esteve preocupada em formar um determinado tipo de homem. Segundo o autor, os tipos variam de acordo com as diferentes exigências das diferentes épocas.

Se acreditarmos que a educação deve promover o homem, serão as necessidades humanas que irão determinar os objetivos. Os objetivos determinados pelos professores, em suas disciplinas, promovem o homem para um contexto social concreto? As orientações convergem para um determinado perfil de profissional? Estamos conscientes do tipo de educação que desenvolvemos em nossas instituições? Gostaríamos que todos os professores estivessem em dúvida sobre seus objetivos e buscassem respostas para essas questões e muitas outras, tão importantes na Educação Física.

Os resultados das questões 5 e 6 (Tabela 1) e 1 e 2 (Tabela 2), permitiram constatar que a educação desenvolvida pelos nossos professores é orientada por atitudes acríticas da realidade interna da instituição e das condições econômicas, sociais e culturais que constituem a realidade externa. Limitar as discussões ao plano técnico, reforça a concepção de homem dicotomizado que não se interioriza para pensar seus valores, seus princípios, sua maneira de pensar e agir. Um homem que passa a ser avaliado pelo que produz e não pelo que é como pessoa. Nas aulas de Educação Física é comum avaliar-se a produção quantificável, objetivando-se atribuir um valor numérico representativo das capacidades físicas e motoras dos alunos, em detrimento de uma avaliação que vise o pleno desenvolvimento do aluno como pessoa.

Em relação ao problema da contextualização dos conteúdos (item 2), percebeu-se que o professor praticamente não o faz, e as razões desta dicotomização podem ser explicadas pelo distanciamento existente entre a instituição que prepara os profissionais e a realidade concreta. Entre as consequências que isto acarreta para o aluno, destaca-se a dificuldade em entender o currículo, porque este não mostra que aquilo que ele vivencia no curso é verdadeiro e o projeto para o futuro dentro de uma visão de Educação Física transformadora.

Neste parâmetro de análise pode-se inferir que há uma superavalo-

rização dos procedimentos burocráticos em detrimento dos conteúdos propriamente ditos. Parece não haver interesse institucional em verificar a validade dos conteúdos transmitidos pelos professores, sua criticidade, sua contextualização, etc. As provas, exames, cadernos de chamada, são mais importantes do que os debates que poderiam ser protagonizados em cada disciplina.

Observou-se, através das questões 2, 3 e 4 (Tabela 2), que subsistem formas de controle na ação pedagógica do professores. O controle é característico do nosso sistema, ele se incumbe de punir e dar recompensas para que a educação não se desvie da trajetória pensada por aqueles que ocupam as instâncias do poder. Na escola, o controle é exercido em função da necessidade de reproduzir uma determinada cultura, para a reprodução da estrutura de classe e para a manutenção da alienação do homem dentro da nossa sociedade.

Na opinião dos alunos, os professores pouco oportunizaram condições para um agir livre, baseado na tomada de iniciativa. Todas as iniciativas deviam ser tomadas pelo professor, porque ele era a autoridade, ele decidia até sobre o que os alunos deveriam pensar. Para passar nas provas era preciso submeter-se às exigências do professor. As avaliações definiam o que é saber aceito e como ele devia se manifestar.

Além de controlar a ação dos alunos, há um controle sobre o espaço que devem ocupar. Delimitamos todos os campos e nos questionamos freqüentemente a respeito das dificuldades que os alunos apresentam na prática de ensino. Neste estágio, o aluno manifesta a formação recebida e ela será acrítica e sem criatividade se não lhe foi permitido pensar, criar e ser livre durante o curso.

As questões 5 e 6 (Tabela 2) permitiram perceber a concepção que os professores têm de formação profissional. A centralização das decisões nas mãos do professor demonstra uma falta de credibilidade no aluno. Verificou-se a existência do diálogo, discussões e críticas em sala de aula, contudo, estas discussões não tomaram a dimensão política como parâmetro.

Os professores precisam redimensionar a abrangência de suas discussões, compreendendo que toda a educação é política.

Para SAVIANI (1985), dizer-se que a educação é um ato político, significa dizer-se que a educação não está divorciada das caracte-

rísticas da sociedade; ao contrário, ela é determinada pela sociedade. E quando esta está dividida em classes com interesses antagônicos, a educação serve aos interesses de uma ou outra classe.

Precisamos refletir para quem se destina a nossa proposta pedagógica, orientando uma discussão ampla envolvendo todos os segmentos participantes do processo educacional.

A questão 7 apresentou divergências em relação a percepção que os alunos têm do processo de renovação em que se encontram os professores. Uma das turmas opinou que os professores estavam conscientes da necessidade de redimensionar os rumos da Educação Física brasileira; enquanto foi consenso, por parte daqueles que se encontram no estágio final do curso, sobre a existência de forte tedência à acomodação.

De maneira geral, segundo COELHO (1986), os cursos de formação de professores não têm exigido um bom preparo intelectual dos futuros educadores, sendo suficiente uma formação rápida e precária, preocupada principalmente com o ensino dos métodos e das técnicas e com a definição dos objetivos a serem atingidos.

Com estas atitudes, os cursos preparam um profissional que não questiona a realidade, simplesmente aceita-a; que não pergunta sobre o sentido de sua prática; que não assume compromissos e atitudes mais reflexivas frente ao contexto educacional.

Assim, nós profissionais da área da Educação Física nos encontramos num estágio de transição, buscando mudanças profundas em nosso discurso, embora nossa prática ainda não reflita totalmente esta mudança. Com isso foi possível compreender a percepção dos alunos em observar mudanças em alguns professores, enquanto que outros permanecem em completa acomodação.

Esta acomodação perpassa o ato pedagógico, refletindo na formação de um profissional que também não vê perspectivas de transformar uma determinada realidade.

Pode-se observar tais constatações na questão 8, onde observou-se que o ensino não foi orientado para a compreensão e percepção de situações-problemas, restringindo-se apenas ao nível de reprodução de conhecimentos. Que condições terá um profissional de transformar uma realidade se não o orientamos para uma concepção de Educação Física onde a análise crítica da situação seja percebida como

o pressuposto básico para o desenvolvimento de um programa de trabalho?

Neste contexto de análise cabe colocar a questão 9, referente a avaliação. Os alunos apontaram que o nível de exigência das avaliações realizadas pelos professores se atém basicamente ao conhecimento, mera reprodução de conteúdos colocados em sala de aula. Que capacidade de análise e de crítica terá este profissional? Durante o curso foi dependente do professor, na escola será dependente das diretrizes propostas pelo sistema. Sabe-se, contudo, que não basta repensar a avaliação, deve-se repensar a educação como um todo, e no caso específico, os currículos de Educação Física.

Nas questões 10 e 11 percebeu-se a visão de Educação Física que a maioria de nossos professores alimentam. Tem-se afirmado que a Educação Física é uma ciência. Contudo, encontramos dificuldades neste campo quando avaliamos a linguagem da Educação Física. Toda a nossa orientação passa pelos caminhos da produtividade, do rendimento, dos modelos. Não ensinamos para a liberdade de movimentos e, sim, para o condicionamento. Qual a concepção de prazer e liberdade que passamos ao orientar a Educação Física numa visão produtivista, baseada em desempenhos? Nos preocupa esta tendência de orientar unilateralmente a Educação Física, impedindo que o aluno se situe frente ao pluralismo e amplitude da área.

Nossos currículos são instrumentos políticos, hoje orientados para o desenvolvimento do esporte. Estes valores têm direcionado nossa práxis e, se não tomarmos consciência de suas repercussões, continuaremos fazendo uma educação em nome de um homem cuja liberdade e autonomia são tomadas como pressupostos apenas teóricos do processo educacional. A prática tem revelado que colocamos o homem à serviço do esporte e não o esporte à serviço do homem. Uma Educação Física voltada para o desenvolvimento do esporte, reforça a ideologia dominante na nossa sociedade que privilegia talentos esportivos em detrimento de homens felizes e realizados plenamente.

Não pensamos na emotividade, na alegria. Enquanto não vemos rendimento, achamos que não há contribuição da Educação Física para a educação geral. Necessário parece ser somente a atribuição de um valor numérico representativo das capacidades físicas do homem. Como poderíamos quantificar o prazer?

Projetamos a Educação Física em cima do mensurável e do quanti-

ficável e, contudo, questionamos constantemente a respeito da ausência dos alunos às aulas de Educação Física e do aumento considerável de atestados médicos que isentam da prática. Precisamos, portanto, repensar nossos pressupostos conceituais e tomar consciência do projeto de educação que desejamos desenvolver na nossa sociedade.

4. CONCLUSÕES

Os pressupostos levantados permitiram concluir que, em primeiro plano, é necessário que os professores tenham atitudes interdisciplinares. O individualismo nas decisões pedagógicas expressa a ausência de uma orientação filosófica para o curso de formação de professores. Este coletivismo pedagógico deveria partir de discussões sobre a educação que desenvolvemos em nossas instituições, da definição do tipo de homem e da sociedade que desejamos construir.

Precisamos repensar o saber transmitido na instituição. A concepção de reprodução e de saber aceito repercute na acriticidade dos agentes envolvidos neste processo. Os professores necessitam redimensionar a abrangência de suas discussões nos planos político e pedagógico, visando ampliar as possibilidades de autonomia de pensar e agir dos futuros professores.

Os currículos como instrumentos políticos que são, estão reproduzindo uma visão de Educação Física quantificável e mensurável. Esta forma de conceber a Educação Física viabiliza um pensar e um agir caracteristicamente voltados para a desportividade e para os modelos de movimento. Privilegiar a simples repetição de gestos mecânicos significa conceber o homem como aquele que faz e executa e não como aquele que pensa. O "fazer", nas aulas de Educação Física, não orientado para uma concepção de globalidade humana, privilegia a ação independentemente de quem o faz em detrimento dos motivos que o levam a fazer.

As discussões sobre currículo deveriam assentar sobre estes pressupostos. A qualidade de uma proposta curricular não está só na soma de créditos, ou na quantidade de horas-aula; mas está, principalmente, na proposta pedagógica e política que é capaz de viabilizar a formação de agentes críticos e conscientes de seu importante papel na transformação da sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 COELHO, Ildeu Moreira. A questão política do trabalho pedagógico. IN: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **O Educador: vida e morte.** 4 ed., Rio de Janeiro, Graal, 1983. p. 29-49.
- 2 PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre a educação dos adultos.** São Paulo, Cortez:Autores Associados, 1986.
- 3 ROSSI, Wagner Gonçalves. **Pedagogia do trabalho,** Raízes da Educação socialista. São Paulo, Moraes, 1983.
- 4 SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** São.Paulo, Cortez, 1980

Recebido para publicação em: 28/11/87.

KINESIS

A LEITURA
QUE VOCÊ MERECE!